

Quando Esperança vai embora

Esperança chegou às 8h em ponto — o relógio ressoava o ritmo de uma rotina repleta de repetições. A agência ainda acordava uma aura amena; o ar condicionado assobiava ar fresco. Ligou o laptop, alinhou as lentes dos óculos, lançou um longo suspiro e largou o olhar no nada: é o meu último dia!

Em seu espaço, Esperança organizava os objetos com ordenada obsessão. Papéis pacientemente posicionados. Cada caneta era cuidadosamente colocada em uma caixinha. Ao lado, uma caixa maior carregava o que já caiu em desuso: o crachá cansado, carimbos descarregados e contratos corroídos. Sobre a mesa, as mãos se moviam para lá e para cá. Sob ela, sapatos com as solas meio surradas sustentavam a ansiedade do silêncio incerto de um futuro sem rotina.

Enquanto Esperança se acomodava, a agência acordava: algumas bocas bocejavam, outras balbuciavam banalidades. Passos apressados pipocavam pelo piso. Teclados tilintavam, telefones tocavam e tarefas tomavam tempo. *Trim! Trim!* Piscava o painel.

— Bom dia! Como posso ajudar?

— Preciso resolver uma pendência na minha conta.

Esperança sorriu, sustentou o semblante sereno e estendeu as mãos. Um instante de pausa e um sopro sutil. Sabendo que já não restava muito a fazer, hesitou, recuou e se recolheu. Os olhos oliva, outrora cheios de orgulho, agora carregavam opaca obsolescência. “Vou apresentá-lo ao novo gerente de relacionamento” murmurou com a voz mais velada que o eco oco do carimbo.

O cliente a acompanhou pelo corredor de carpetes carcomidos. Ao final do caminho, digitalizando documentos desnecessários, um homem de terno novo os cumprimentou com o seu sorriso superficial.

“Até mais, dona Esperança”, despediu-se o correntista com descaso.

O relógio, ríspido, regia a hora do almoço. A agência não se acalmava: funcionários fugazes faziam frente aos clientes confinados. Esperança emudeceu-se e isolou-se: saiu do salão para a copa compartilhada. Sozinha, sentou-se à mesma mesa de sempre. Abriu sua comida: a mesma de centenas de outros ciclos. O cheiro, sem charme. O sabor, sem surpresas. O silêncio, sufocante. Ela mastigou, misturando suas memórias melancólicas à massa meio morna.

Na volta para sua mesa, Esperança desviou deliberadamente, deambulando em direção aos banheiros. Brancos, brilhantes, bem-arrumados. O piso polido refletia a frieza fulgurante das luzes. Pôs-se diante do espelho. Com a escova e o creme nas mãos marcadas, escovou demoradamente os dentes. Lavou o rosto lívido. No reflexo, um semblante enrugado revelava duas décadas de dedicação.

Retornou à mesa em passos pausados. Sentiu o corpo cansado repousar sobre a cadeira conhecida pela última vez. Ao redor, a agência acelerava. Frenéticos, os clientes formavam filas; cansados, os funcionários circulavam, conversavam e conferiam cada cédula, cada cheque e cada cartão. Em meio ao caos cortante, Esperança não pensava: a cabeça era cega e um súbito silêncio selava seus sentidos. Ela flutuava fugidia, fria e frágil. Estava fora do fluxo.

O relógio, agora mais ríspido que nunca, registrou: 18h. Com um gesto seco e decisivo, bateu o seu último ponto. Clique frio, cravado no tempo. Esperança saiu pela porta, mas sem o sentimento com o qual partilha o nome.